

**Sobre a origem dos cemitérios-jardim no Ocidente e as referências na
conformação do primeiro modelo no Brasil**

Aline Silva Santos

Professora Mestre, IFSP, Brasil; Doutoranda, USP, Brasil
paisageira@gmail.com

RESUMO

Os cemitérios-jardim estão presentes em várias cidades do Brasil, sendo parte integrante do sistema de espaços livres urbanos e, portanto, elementos fundamentais no planejamento da paisagem, principalmente em função de suas dimensões. O presente artigo tem como objetivo investigar alguns dos primeiros modelos de cemitérios-jardins implantados no Ocidente e os princípios que foram empregados nos primeiros cemitérios-jardim construídos no Brasil. Por meio da revisão sistemática da literatura, análise iconográfica, trabalho de campo e entrevista, identificou-se que um dos primeiros cemitérios-jardim implantados no Brasil foi o Cemitério da Paz, de São Paulo (SP), datado de 1965, onde foram encontradas referências sobretudo dos *lawn cemeteries* e dos *memorial parks* estadunidenses, de meados do século XIX e início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Cemitério. Jardim. Paisagismo.

1 INTRODUÇÃO

Fato inexorável aos seres humanos, a morte traz a necessidade de um espaço para acomodar os corpos dos falecidos, de modo que as mais diferentes estratégias são empregadas dentre as culturas do mundo. No Ocidente, em um sentido amplo, os procedimentos mais comuns são a inumação ou entumulação em cemitérios horizontalizados ou verticalizados, e a cremação utilizando fornos desenvolvidos especificamente para este fim.

Presentes em praticamente todos os agrupamentos urbanos, os espaços cemiteriais, aqui incluindo-se cemitérios e crematórios, ocupam extensas áreas e, dependendo da forma que são implantados podem contribuir ou não de maneira positiva para o sistema de espaços livres de que participam (SANTOS, 2013). Assim sendo, é fundamental levá-los em consideração no planejamento da paisagem.

Para além das funções ambientais, também há de se considerar que são lugares que provocam o imaginário humano, seja como lugar de medo, lembrança da finitude, ou até mesmo uma área agradável e bela que não é tomada por prédios em uma metrópole. Deste modo, sua relevância perpassa diferentes dimensões, consistindo em espaços que devem ser projetados para que possam ser fruídos com qualidade.

A partir do século XIX, observa-se diversos projetos paisagísticos para este tipo de espaço, existindo uma preocupação com a forma e também com as espécies vegetais a serem empregadas (WORPOLE, 2003; CURL, 1993; SLOANE, 1991; RAGON, 1981). No Brasil, a vegetação se faz relevante desde os primeiros exemplares de cemitérios laicos também deste período, porém, os primeiros projetos com características predominantemente ajardinadas datam de meados do século XX (SANTOS, 2015). E esta tipologia ajardinada será a que irá predominar nos novos empreendimentos cemiteriais, sobretudo privados, até os dias atuais¹.

Diante disto questiona-se: de onde se origina este modelo e quais suas motivações? O presente artigo se propõe a investigar o início dos cemitérios-jardim do Brasil e os referenciais para se chegar a este modelo. Para tanto, utilizou-se como procedimento uma revisão sistemática da literatura na área, a análise de projetos, trabalho de campo e entrevistas².

¹ Isto pode ser observado a partir da listagem dos cemitérios associados ao Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (SINCEP) e à Associação de Cemitérios e Crematórios do Brasil (ACEMBRA).

² Sublinha-se que o conteúdo aqui apresentado é parte de pesquisa desenvolvida pela autora em seu mestrado (SANTOS, 2015) e doutorado em andamento.

2 UM BREVE PERCURSO DA IGREJA AO JARDIM

Os primeiros cemitérios modernos, como instituições independentes dos templos da Igreja Católica Apostólica Romana, geridas pelo poder político-administrativo das cidades, foram constituídos basicamente no século XIX no Brasil. Tal empreendimento é fruto de um discurso higienista, em que médicos indicavam o perigo do contato dos cadáveres, os quais emanariam miasmas pestilentos, contaminando os vivos. Assim, as inumações que eram tradicionalmente realizadas principalmente dentro das igrejas³ e em seus arredores, passariam a ser considerados perigosos para as pessoas, e os mortos deveriam se separar dos vivos por uma questão de saúde pública (REIS, 1991). Este ideário é advindo da Europa, onde estas discussões estavam em curso. Deste modo, os primeiros modelos cemiteriais no Brasil se inspiram também nos europeus, sobretudo de países de raiz católica como a França e Portugal.

Neste sentido, assim como na Europa, postulava-se que os cemitérios deveriam se localizar longe dos agrupamentos urbanos, em terrenos altos para recepção dos ventos dominantes, e com arborização, a qual deveria também ser adequada para correta absorção de substâncias das emanações humanas (CATROGA, 1999). Tais necrópoles foram marcadas pela construção de túmulos vultosos, capelas familiares e até mesmo estatuária, de modo a se tornarem locais de afirmação de poder da elite dominante na época. Aos pobres, restavam os túmulos mais simples com localizações menos nobres, longe dos portões de entrada ou até mesmo em covas comuns em alguns casos (REIS, 1991; CYMBALISTA, 2002; MOTTA, 2009).

Se nos seus primórdios estes cemitérios foram designados em áreas afastadas dos núcleos urbanos, com o passar do tempo e crescimento das cidades, estas áreas se tornaram hoje centrais. Isto pode ser visto por exemplo no caso dos cemitérios Campo Santo, em Salvador; São João Batista, no Rio de Janeiro; e Consolação, em São Paulo; abertos nos anos de 1836, 1852 e 1858, respectivamente, e ainda em funcionamento. Esta tipologia cemiterial é mantida no meio urbano brasileiro, sendo comumente chamado de “cemitério tradicional” (SANTOS, 2015; FUCHS, 2019).

Entretanto, com o passar do tempo, chega-se a novas formas, com espaços constituídos predominantemente por túmulos vegetados, sem construções acima do solo, situados em ambientes predominantemente ajardinados, os chamados cemitérios-jardim. Apesar de um vasto espectro em que se pode inserir tal tipo de necrópole (FUCHS, 2021), no Brasil, qualquer cemitério que não possua campas construídas acima do solo pode ter tal denominação, havendo sinonímia também com o termo “cemitério parque” como consta no artigo 2º da Resolução 335 de 2003 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA). Esta, define cemitério parque ou jardim como “aquele predominante recoberto por jardins, isento de construções tumulares, e no qual as sepulturas são identificadas por uma lápide, ao nível do chão, e de pequenas

³ Apesar de até o século XX os enterros no Brasil serem predominantemente realizados dentro e nos arredores das igrejas católicas, havia também já alguns cemitérios extramuros, porém menos prestigiosos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, havia o Cemitério dos Aflitos, aberto em 1774 (PAGOTO, 2004). Este era voltado para os que não fossem aceitos para enterramento nas igrejas, como indigentes, suicidas, criminosos e escravos. Sobre a questão dos enterramentos nas igrejas e conformação dos primeiros cemitérios extramuros no Brasil, ver: Reis (1991); Rodrigues (1997); Cymbalista (2002); Pagoto (2004). No que se refere à orientação religiosa, os acatólicos, como os protestantes, também sofriam com a falta de um local para enterro, sendo que em 1811 foi aberto o primeiro cemitério protestante brasileiro. Sobre este tipo de restrição aos protestantes no período, ver: Castro (2013).

dimensões” (BRASIL, 2003, p.98).

Observa-se que, nas últimas décadas, há um direcionamento para a construção de cemitérios do tipo parque/jardim no contexto brasileiro⁴ e, a maior parte das novas necrópoles estabelecidas, sobretudo privadas, seguem tal configuração (SANTOS, 2015). Muitos destes são implantados nas franjas dos perímetros urbanos, porém por motivações diferentes das necrópoles do século XIX: por vezes são fruto da iniciativa pública em áreas que necessitam de novos cemitérios; em outros casos, tratam-se de investimentos da iniciativa privada que procura terrenos extensos e com custos mais baixos para a implantação de cemitérios-jardim e crematórios.

Isto posto, questiona-se qual poderia ser a origem desta referência de cemitério parque/jardim implantado no Brasil. Na busca de uma resposta, a seguir será realizado um breve percurso histórico sobre o tema.

3 O CAMPO, O JARDIM E O CEMITÉRIO

Enquanto que os primeiros cemitérios separados dos templos e afastados das aglomerações urbanas seguiam um desenho de espaço permeado predominantemente por grandes construções tumulares, muitas vezes com referenciais religiosos, nos Estados Unidos nascerá uma nova interpretação destes espaços, localizados nas áreas campestres, os *rural cemeteries*.

Os *rural cemeteries*, ou “cemitérios rurais” em tradução livre para o português⁵, surgem nos EUA no século XIX, na conjuntura de afastamento dos cemitérios do meio urbano consoante com os novos padrões de saúde pública anteriormente apontados. Acrescenta-se a isto o fato de que, com o crescimento das cidades estadunidenses, as terras urbanas passaram a ter mais valor, em contraposição às rurais (SCHUYLER, 1986).

De acordo com o historiador Thomas Bender (1974), “à medida que o ambiente urbano se tornou pavimentado, mais apressado e comercial, uma mudança de cenário que lembrasse o passado rural, um santuário natural de fácil acesso próximo à cidade, tornava-se necessário” (p. 203-204, *tradução nossa*). Assim, “uma paisagem romântica foi buscada como contrapartida aos aspectos perturbadores da paisagem urbana. Essa foi a atração dos cemitérios rurais nos arredores da maioria das cidades estadunidenses” (BENDER, 1974, p. 204, *tradução nossa*).

O projeto destes espaços encontra-se dentro da tradição paisagística estabelecida nos Estados Unidos à época, fruto em grande parte da mescla entre a cultura americana e o romantismo inglês (DAL CO, 1975), em que se acreditava que o cenário natural teria impactos benéficos na mente humana (SCHUYLER, 1968). Caracterizavam-se por extensos jardins sinuosos com monumentos funerários em seus caminhos.

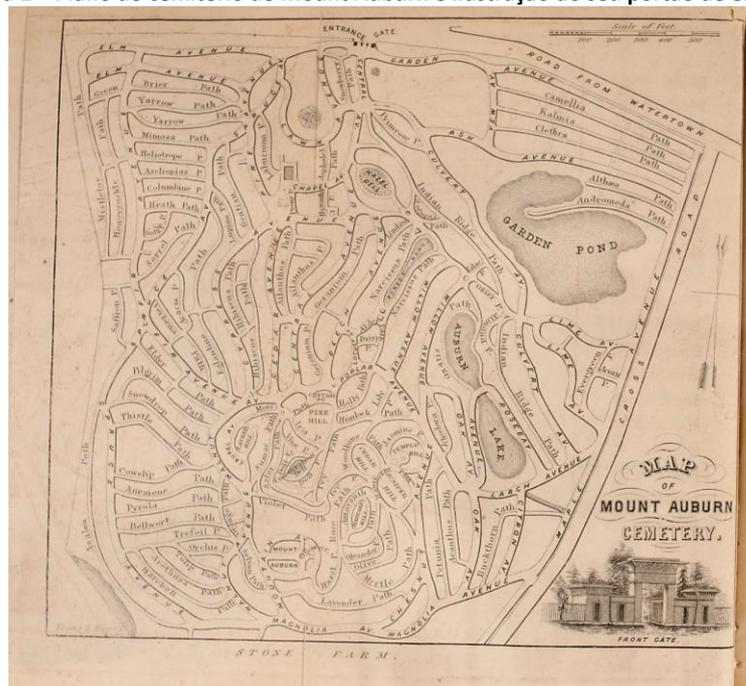
O cemitério Mount Auburn, datado de 1831, é considerado o primeiro exemplar de *rural cemetery* (figura 1). Localizado em Cambridge, região metropolitana de Boston, foi

⁴ Observa-se também um crescimento da prática da cremação (SANTOS, 2015) e da constituição de cemitérios com túmulos verticalizados. Entretanto, ainda são predominantes novos empreendimentos privados seguindo o modelo jardim. Ademais, estes não serão abordados neste artigo, tendo em vista a necessidade de um recorte mais circunscrito para apresentação do conteúdo pretendido.

⁵ Ressalta-se que Fuchs (2019) propõe a utilização do termo “cemitério campestre” como tradução a este termo. Neste trabalho, iremos utilizar a grafia original na língua inglesa para evitar equívocos de entendimento.

construído devido ao empenho e ideais do médico e botânico estadunidense Jacob Bigelow que consegue fundir suas duas áreas de interesse na concepção daquele espaço: um cemitério que garantisse a saúde pública e que possuísse ainda um jardim botânico experimental (SCHUYLER, 1986). O projeto, delineado inicialmente por Henry A. S. Dearborn e Alexander Wadsworth⁶, em uma área inicial⁷ de aproximadamente 291.000 m², mesclou influências do cemitério oitocentista francês Père-Lachaise com elementos do jardim inglês, contendo caminhos serpenteantes e visuais planejadas. O historiador da paisagem Michael Laurie (1983) aponta que, no ano de sua abertura, Mount Auburn era descrito como um local de “extraordinária beleza”, com caminhos serpenteantes que se distribuíam de acordo com as irregularidades do terreno.

Figura 1 – Plano do cemitério de Mount Auburn e ilustração do seu portão de entrada.



Fonte: BIGELOW (1860, p. 21).

O sucesso deste tipo cemiterial fez com que este fosse um modelo seguido por todos os Estados Unidos e, menos de duas décadas após a abertura de Mount Auburn, quase todas as cidades mais expressivas do país possuíam um *rural cemetery*. A título de exemplo, na Filadélfia chegou-se ao número de vinte empreendimentos deste tipo em 1849 (DOWNING, 1849).

Ken Worpole (2003) afirma ainda que o sucesso de Mount Auburn refletiu na popularização do termo *cemetery* para os cemitérios na América do Norte. Anteriormente, eram mais utilizados os termos “*burying ground*” e “*graveyard*” (p. 141). A mudança no uso das palavras relacionava-se com uma mudança radical nas atitudes estadunidenses frente as paisagens dos locais relacionados à disposição dos seus mortos: a palavra “cemitério” – *cemetery* – relaciona-se com local de descanso, sono, ao invés de morte e decadência, termos

⁶ Ao passo que Wadsworth possuía formação em engenharia civil, Dearborn não possuía formação oficial em engenharia, arquitetura ou paisagismo. Era uma figura ligada à política e amante da horticultura. Foi o fundador e primeiro presidente da *Massachusetts Horticultural Society*, organização que apoiou e foi fundamental para a construção de Mount Auburn (SLOANE, 1991).

⁷ Com o passar do tempo, o cemitério foi ampliado e atualmente possui 708.200 m².

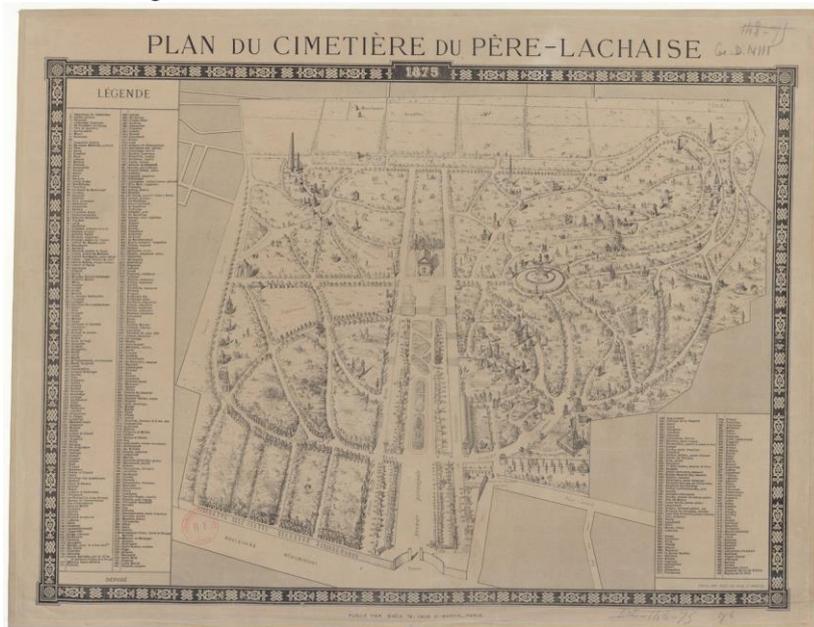
que estão implícitos em “*burying ground*” – *ground* pode ser traduzido como solo e *burying* como o ato de enterrar – e em “*graveyard*” – *grave* pode ser traduzido como sepultura e *yard* como quintal, jardim. As raízes da palavra cemitério, encontram-se no latim *coemeterium*, derivado do grego *koimêtêrion*, “lugar de dormir”, que vem de *koiman*, “dormir” (URBAIN, 1978). Os cristãos novos, por exemplo, utilizavam o termo para os locais onde se dorme em aguardo à ressurreição (LIGOU, 1975).

Pontua-se que, em virtude de serem aprazíveis, estes cemitérios converteram-se em centros de visitação expressivos da população urbana, servindo como retiros de descanso e passeio, principalmente aos finais de semana. A título de exemplo, entre abril e dezembro de 1848 calculou-se aproximadamente 30 mil visitantes no cemitério Laurel Hill, na Filadélfia, número que poderia ser igualmente aplicado aos visitantes de Mount Auburn e, de maneira dobrada, ao cemitério Green-Wood, em Nova Iorque (DOWNING, 1849). Assim, pode-se dizer que eram locais relevantes para a população.

Devido seu refinamento paisagístico, Andrew Jackson Downing, paisagista estadunidense do período, julgava ainda que tais espaços de certa forma supriam os grandes jardins públicos, que até o momento eram ausentes em diversas localidades do país. Neste sentido, David Schuyler (1986) afirma que o êxito dos cemitérios rurais fez com que a população considerasse relevantes os parques naturalísticos e, pode-se dizer que, por seu papel, precederam os primeiros parques estadunidenses.

Na Europa, nos oitocentos, também se observava um movimento em relação a um projeto ajardinado das necrópoles a serem projetadas. A começar pelo precursor cemitério parisiense Père-Lachaise, de 1804, que influenciou não só Mount Auburn nos EUA, mas também diversos outros cemitérios europeus. Apesar de Père-Lachaise ser um cemitério que possui túmulos construídos, monumentos e capelas para inumação, seu traçado foi baseado nos princípios paisagísticos românticos do século XVIII, como um parque paisagista. Seu primeiro projeto, concebido pelo arquiteto francês Alexandre-Théodore Brongniart, possui eixos centrais, passeios internos serpenteantes e todas as vias arborizadas (figura 2). O desnível do terreno também foi aproveitado, de modo que tais desníveis resultam em áreas com belas vistas, que se mantiveram até no período contemporâneo (figura 3). Este cemitério foi emblemático, dada a importância da cidade de Paris, sendo o primeiro cemitério público moderno francês.

Figura 2 – Plano do cemitério de Père-Lachaise em 1875.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: Bibliothèque nationale de France, département Cartes et plans, GE D-14111.

Figura 3 – Foto a partir do interior do cemitério Père-Lachaise, nos dias atuais. Observa-se arborização intensa e aproveitamento do desnível para a constituição de mirante.



Fonte: Autora, 2021.

Ao longo dos anos, Père-Lachaise sofreu diversas reformas, ganhando um crematório e um columbário⁸ já em 1887. Mais recentemente, na década de 1970, ganhou uma área gramada denominada “*jardin du souvenir*” – “jardim da lembrança”, em tradução livre –, onde há a possibilidade de espargimento de cinzas de pessoas cremadas, tornando-se local de memória para estas pessoas e também outras que morreram, mas cujos corpos não foram encontrados, como vítimas de acidentes aéreos. Deste modo, sua área inicial que era de aproximadamente 260.000m² (DU CAMP, 1874), hoje chega a 440.000m². Por sua relevância histórica e personalidades famosas lá enterradas, também se configura como local turístico, sendo um dos cemitérios mais visitados do mundo.

⁸ Edificação constituída por nichos destinados ao depósito de urnas cinerárias.

Pontua-se que, apesar de diversas necrópoles estadunidenses da época se inspirarem em Père-Lachaise, há diferenças entre estas. Bender (1974) aponta, por exemplo, que havia uma diferença significativa na relação destes espaços com a natureza: enquanto “Père-Lachaise era um antigo jardim dedicado a um novo propósito quando foi aberto como um cemitério”, cemitérios rurais como Mount Auburn, foram “estabelecidos em locais de beleza natural com a intenção de conservar seu aspecto original”, sendo um enclave de beleza natural adjacente ao “ambiente urbano artificial”. (BENDER, 1974, p. 201, *tradução nossa*)

John Claudius Loudon, profícuo paisagista inglês e personagem relevante no movimento dos cemitérios jardim europeus do século XIX, considerava Père-Lachaise como um modelo, porém com algumas ressalvas. Julgava que algumas de suas características poderiam dificultar sua manutenção, como a maneira fortuita que os túmulos foram organizados espacialmente e vendidos. Ao longo de sua carreira, organizou a publicação “*Gardener's Magazine*”, que possuiu diversos volumes, onde também dedicou textos sobre espaços cemiteriais. Tais textos são concatenados no seu livro “*On the laying out, planning, and the managing of Cemeteries, and on the improvement of Churchyards*”, publicado em 1843, um ano antes de seu falecimento. Além disto, desenvolveu planos para diversos cemitérios (CURL, 1983).

Quanto à composição dos jardins, Loudon considerava que a introdução de árvores e arbustos eram relevantes, porém deveriam ser locados com moderação, pois um excesso destes poderia “impedir a livre circulação de ar” e a incidência solar (LOUDON, 1843, p. 148, *tradução nossa*). Considerava também que algumas espécies vegetais eram mais apropriadas para o espaço que outras, tanto devido suas características próprias e relação com o terreno, como pela tradição de presença em espaços relacionados aos mortos.

Em relação às flores, apesar de Loudon reconhecer o costume do seu uso em cemitérios, não julgava recomendado o uso de arbustos floridos, pois o solo revolvido para seu plantio e manutenção poderia retirar o “estado de quietude e repouso”, “ingrediente importante” de um estado de contemplação, que acreditava ser necessário nestes espaços (LOUDON, 1843, p. 149, *tradução nossa*).

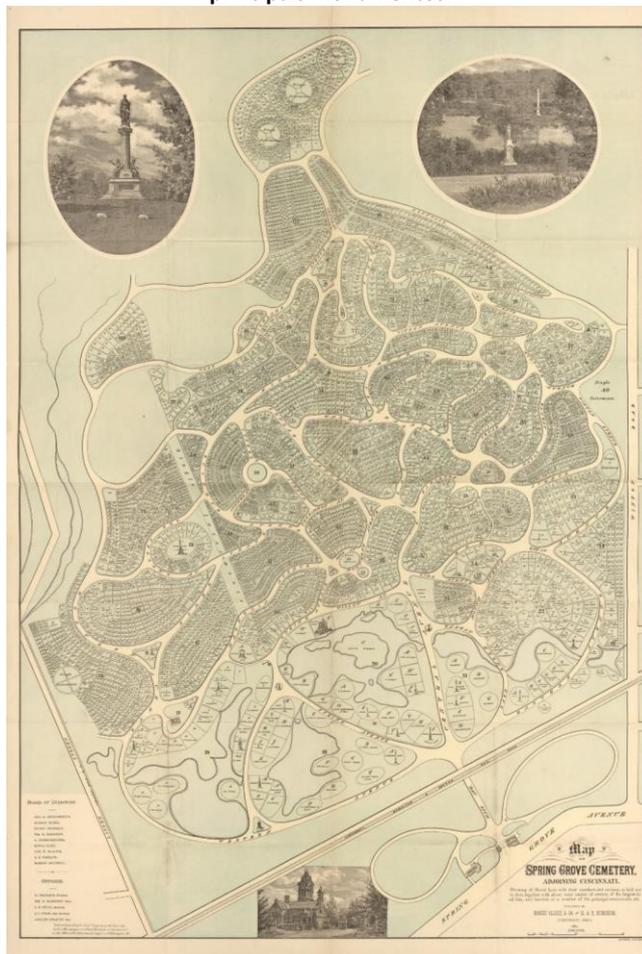
Um ponto relevante das ideias do profissional é que este acreditava que quando saturados, os cemitérios poderiam ter sua função de enterro encerrada, sendo convertidos em passeios públicos ou jardins depois de alguns anos (CURL, 1983). Em suas palavras: “Quanto maior o número de cemitérios atuais, maior o número de futuros jardins públicos” (LOUDON, 1843, p.293, *tradução nossa*).

Posteriormente *aos rural cemeteries* estadunidenses e demais novos cemitérios europeus com diversidade de monumentos cercados por jardins, como os projetados por Loudon, surge uma nova concepção de espaço para enterros, agora sem construções tumulares monumentais. Denominados de “*lawn cemeteries*”, ou “cemitérios gramados” em tradução livre, possuiriam grandes áreas cobertas por gramados sobre os túmulos, como o próprio nome aponta.

Nos Estados Unidos, esta tipologia surgiu a partir da reforma do cemitério Spring Grove, Cincinnati, em 1855 por Adolph Strauch (figura 4). Horticultor e paisagista de origem alemã, buscou em seu projeto uma paisagem com visuais abertas e integradas, com extensos gramados, onde os símbolos individuais seriam subordinados ao todo. Deste modo, nos seus planos para o desenvolvimento da ala sul do referido cemitério, impôs regras rígidas relativas à

escala, a desenhos e a simbolismos aceitáveis para os túmulos. Retirou a maioria das cercas e bordaduras existentes e criou grandes vias abertas de circulação e transporte não marcadas totalmente por fileiras de árvores. Sua área nos anos de 1860 chegava a 1.667.305 m².

Figura 4 – Mapa do cemitério Spring Grove, de 1883, mostrando as sepulturas com seus números e seções, juntamente com os nomes dos proprietários dos lotes de maior tamanho e localização de alguns dos principais monumentos.



Fonte: Robert Clarke & Co.: M. & R. Burgheim, 1883. Library of Congress, seção de mapas. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/2012586630>, acesso em 16 out. 2022.

Strauch rompe com o pitoresco que até então influenciara os cemitérios rurais para promover a “simplicidade e acessibilidade do belo” (SLOANE, 1991 p. 103, *tradução nossa*). Ao invés da irregularidade dos caminhos e das vistas inesperadas, preferiu linhas mais fluidas, balanço e simetria (SLOANE, 1991). Quanto aos elementos construídos, considerava que apenas capelas no estilo clássico seriam aceitáveis diante da sua linguagem proposta de projeto. Além disto, impôs seu time próprio de jardineiros e profissionais de manutenção para o local e, diferente de outros paisagistas de cemitérios anteriores, não simplesmente desenvolveu o projeto, mas também se colocou no papel de um superintendente, administrando o que havia sido implantado (WORPOLE, 2003).

Esta posição profissional foi um passo importante tanto no desenvolvimento do cemitério moderno como também no desenvolvimento da profissão de arquiteto paisagista:

começava-se a ter o entendimento que era necessário um profissional para desenvolver um bom projeto cemiterial. Deste modo, poucos cemitérios estadunidenses ao final do século XIX eram elaborados sem um plano paisagístico detalhado e também poucos deixavam de contratar superintendentes experientes para dirigir o desenvolvimento do plano proposto e a manutenção do local (SLOANE, 1991).

Posteriormente a Strauch, outra figura estadunidense seria central nas novas formas cemiteriais baseadas na paisagem: o empresário e engenheiro Hubert Lewright Eaton, criador do denominado *memorial park*, que acelerou as tendências estabelecidas por Strauch. Em 1917, este tornou-se responsável pelo cemitério *Forest Lawn*, localizado na cidade de Glendale nos EUA, e que à época encontrava-se degradado.

Sob sua gerência, Eaton traçou uma série de mudanças na conformação dos espaços do *Forest Lawn*, denominando-o a partir de então como um “*memorial park*” ao invés de simplesmente “*cemetery*”. Rejeitou o papel visual preponderante do monumento familiar, lápide ou tumba na composição do projeto do cemitério, levando em consideração o princípio de parque a ponto de quase apagar todos os vestígios dos processos funerários. Assim, procurava demonstrar menos a morte e mais um local relacionado a um paraíso através de sua organização paisagística. Criou ainda um sistema de identificação das seções do cemitério baseado em itens temáticos, dispondo réplicas de esculturas famosas na história da arte e construindo capelas aos moldes de conhecidas igrejas europeias em determinadas localidades do terreno. Outra inovação, foi a expansão paulatina dos negócios, incorporando atividades que anteriormente eram separadas do cemitério, como a construção de um necrotério próprio. Isto proporciona um maior lucro da instituição, já que teria domínio de mais etapas do processo funeral (SLOANE, 2001).

Em 1917, Eaton publicaria o texto denominado “*Builder’s Creed*” – “Credo do Construtor”, em tradução livre –, onde expunha seus credos estéticos e religiosos protestante para o projeto de *Forest Lawn*. Tal texto foi gravado em um monumento em mármore colocado no cemitério e pode ser encontrado lá ainda nos dias atuais. Possui um tom de forte apelo religioso, amalgamado com uma nova proposta de se configurar e administrar um cemitério. Nele, diz que o *Forest Lawn* seria um paraíso na terra construído para os vivos, cuja manutenção seria gerida por um fundo de assistência financeira. Isto se fazia relevante à época, pois a conservação dos *rural cemeteries* era cara e muitos se encontravam com problemas neste quesito.

Ainda sobre a configuração deste cemitério, aponta-se que a maioria dos túmulos eram demarcados somente por plaquetas de bronze ao nível do solo, e as regiões em que se encontravam eram identificadas por nomes doces e suaves como “Luz Delicada”, “Pinus Sussurrantes”, “Entardecer”, entre outros (WORPOLE, 2003, p.146; MITFORD, 1963, p.149, *tradução nossa*). A própria escolha do nome do cemitério não foi fortuita: sugeriria o senso calmo, seguro e quase paradisíaco do abrigo da floresta – *forest* – e o sentido de uma visão expansiva sobre o lugar e o tempo, por meio do seu amplo, iluminado, extenso e bem cuidado gramado – *lawn* (TREIB, 2001).

Quanto à vegetação especificada, apenas arbustos e árvores perenifólias eram plantados, pois Eaton queria evitar folhas caídas, o que poderia remeter ao tema da perda e decadência, indesejáveis para este mundo alegre de pensamento positivo (WORPOLE, 2003).

Além disto, a escolha por amplos espaços gramados, somadas às identificações rentes ao solo, permitiu não só o fruir da vista pelas encostas do terreno, mas também “a manutenção por tratores cortadores de grama”, substituindo o corte à mão (TREIB, 2001 p.87, *tradução nossa*). Tal decisão, faz com se diferencie dos demais cemitérios existentes na região à época, os quais eram dominados por monumentos. Segundo Sloane (2001), em 1929 o empreendimento possuía um setor de arquitetura com 12 engenheiros e 12 arquitetos que supervisionavam o desenvolvimento paisagístico do local. Hoje sua área possui aproximadamente 1.214.000 m².

Para o pesquisador Marc Treib (2001), a paisagem deste projeto preocupava-se em celebrar mais aqueles que se lembram – os vivos – do que aqueles que seriam lembrados – os mortos. Ressalta-se que diversos ambientes lá foram pensados desde o princípio para servirem como local de lazer, possuindo até os dedicados a casamentos.

Faz-se relevante pontuar que Eaton torna o cemitério uma empresa comercial, em total consonância com as práticas e profissionais do setor de vendas imobiliárias. Worpole (2003), afirma que o empresário foi um dos primeiros exemplares de “extraordinária mistura do fundamentalismo protestante combinado com uma firme crença no sucesso dos negócios como recompensa pela fé” (p.144, *tradução nossa*). Apesar da aparência igualitária das lápides, não era um local para todos, mas sim voltado para as “respeitáveis” pessoas de “classe média”, muitas das quais acreditavam fervorosamente na vida após a morte, enquanto continuavam interessados em memorializar suas realizações na vida terrena. Deste modo, tal cemitério não foi uma “instituição universalista no tecido cívico da América democrática”, mas um “último paraíso privado e privilegiado”, uma espécie de condomínio exclusivo (WORPOLE, 2003, p. 144, *tradução nossa*).

Na década de 1960, Jessica Mitford (1963), crítica do sistema funerário estadunidense, afirma que Eaton teve mais influência nas tendências na indústria moderna do cemitério que qualquer outro. Além disto, a autora apresenta como podem ser lucrativas as vendas dos lotes tumulares e, em relato após visita ao local, mostra a visão mercadológica de seu criador, que constituiu no local museu, loja de souvenirs e de flores, por exemplo. E é justamente nesta década que chegará ao Brasil este novo ideário cemiterial.

4 EM TERRAS BRASILEIRAS, O CEMITÉRIO VIRA JARDIM

No Brasil, os primeiros cemitérios-jardim foram inaugurados em um período diferente dos *rural* e *lawn cemeteries*, bem como dos *memorial park*. Isto porque datam já de meados do século XX, estabelecendo-se como uma novidade frente às necrópoles tradicionais de até então. Faz-se difícil também traçar o início preciso destes tipos de cemitérios no país. Encontra-se, na década de 1960, um indicativo para a implantação deste gênero de necrópole em Brasília, no memorial descritivo de Lúcio Costa para o “Plano Piloto de Brasília”. Entretanto, esta recomendação inicialmente não foi seguida e o primeiro cemitério brasileiro, apesar de largamente arborizado, manteve a tradição da construção tumular acima do solo (SANTOS, 2015).

Em 1965, é inaugurado o “Cemitério da Paz”, na cidade de São Paulo. Empreendimento particular pertencente à Associação Cemitério dos Protestantes (ACEMPRO), é autodeclarado como o primeiro cemitério brasileiro a ser implantado com a tipologia jardim, ou seja, com

amplos jardins e túmulos em sua maioria gramados, sem construções acima do solo. Como até o momento não foram encontrados outros registros anteriores a esta data, pode-se então adotar esta afirmativa (SANTOS, 2015).

Situa-se em uma área de aproximadamente 120 mil m², e o projeto inicial dos seus espaços foi desenvolvido pelo engenheiro civil Flávio Magalhães, também ligado à ACEMPRO e atualmente secretário executivo da associação, que disse ter visto nesta empreitada uma oportunidade de colocar em prática seu gosto pela agronomia e a paixão pelo plantio arbóreo (MAGALHÃES, 2019).

Faz-se interessante pontuar que a ACEMPRO havia contratado um arquiteto anteriormente para que fizesse o projeto da necrópole, porém, Magalhães não aprova o projeto, pois este seguia as diretrizes dos tradicionais cemitérios com construções tumulares acima do solo. O engenheiro havia tomado conhecimento da existência do cemitério do tipo jardim e desejava que o projeto seguisse tal orientação.

Pode-se ler nos espaços do cemitério da Paz uma clara influência de características presentes tanto nos *lawn cemeteries* como nos *memorial park* estadunidenses (figuras 5 e 6): túmulos predominantemente gramados sem nenhuma construção aparente; identificações tumulares por pequenas e discretas placas padronizadas, ao nível do solo; a vegetação lindeira é intensa, conformando um ambiente de parque. Já o nome do empreendimento, “Cemitério da Paz” evoca uma estratégia adotada na nomenclatura dos arruamentos do *Forest Lawn*, que remetiam a ideias suaves e paradisíacas. Além disto, possui em seu interior há uma loja que comercializa flores, que podem ser adquiridas para ornamentar os túmulos, além de lanchonete e salas de velório.

Figura 5 – Foto aérea mostrando a área do Cemitério da Paz (São Paulo). Em vermelho destaca-se o perímetro do cemitério, e em branco foi desenhado o esquema de circulação das vias internas principais.



Fonte: Google Maps (2022) com intervenções da autora a partir de informações do OpenStreetMap.

Figura 6 – Foto de área do Cemitério da Paz (São Paulo) mostrando área de túmulos.



Fonte: Autora, 2011.

Tal influência se confirma ainda pelo relato de Magalhães, que diz ter como inspiração para o projeto a necrópole *Memorial Park* de Memphis (MAGALHÃES, 2019). Datado de 1925, em um terreno inicial com aproximadamente 170 mil m², este cemitério localiza-se na cidade de Memphis, no centro sul dos EUA. De acordo com a administração atual da instituição, seu idealizador, Elliott Clovis Hinds, decidiu-se por esta tipologia cemiterial a partir de uma visita realizada ao cemitério *Forest Lawn*, já exposto anteriormente neste trabalho como o precursor dos *memorial park* (OUR, s.d.).

O processo do desenvolvimento projetual do cemitério da Paz ainda passou por diversas etapas. Após as primeiras diretrizes de Magalhães, foi contratado o escritório Casasco Paisagismo e Urbanismo, que fez o projeto paisagístico cujas bases são mantidas até os dias atuais. No site do referido escritório, pode-se ver o Cemitério da Paz identificado no portfólio da empresa, em que são apresentadas fotos do ano de 1971, provável data em que o projeto estaria em implantação. Em reportagem do jornal Folha de São Paulo sobre o local, no ano de 1972, encontra-se relato sobre o desenvolvimento do plano paisagístico e algumas modificações em relação ao que havia sido implantado inicialmente (BANCOS, 1972).

Ademais, assim como a lógica protestante se mostra intimamente ligada à ascensão dos cemitérios ajardinados sem grandes construções tumulares nos Estados Unidos, também se pode traçar esta relação no cemitério da Paz, tendo em vista a associação que o administra. Em relação a este fato, Magalhães aponta a não utilização de imagens por parte dos protestantes e a reprodução deste costume em seus cemitérios na Europa e Estados Unidos, resultando em espaços cemiteriais com apenas lápides simples em meio a jardins (MAGALHÃES, 2019).

A fala de Magalhães também é permeada pelo discurso da preocupação ambiental, sendo que desenvolveu uma série de publicações com conteúdo informativo dos impactos ambientais dos cemitérios e medidas adequadas tomadas nos projetos que desenvolveu. No mais, ainda em 1972, em entrevista concedida à Folha de São Paulo, indicou a importância dos cemitérios-jardim na constituição de espaços verdes na cidade (BANCOS, 1972, p.8).

Pontua-se que Magalhães também trabalhou no projeto de urbanização do cemitério paulistano Gethsêmani, inaugurado posteriormente, e que segue a tipologia jardim/parque. Além disto, é responsável pelo projeto de outros espaços cemiteriais da ACEMPRO, como o Cemitério e Crematório Horto da Paz em Itapeverica da Serra, grande São Paulo.

Pouco tempo depois da abertura do Cemitério da Paz, em São Paulo, o poder público já mostraria tendência para a construção de necrópoles municipais seguindo o modelo jardim. Segundo o Serviço Funerário Municipal, em 1966 a municipalidade estabeleceu um grupo de trabalho para estudar os problemas das necrópoles da cidade. E, já em 1965 a imprensa noticiava sobre este estudo e suas possíveis conclusões (CREMAÇÃO, 1965).

Independente do ano exato de realização, o trabalho resultante apontou a orientação para que os novos cemitérios seguissem o modelo jardim. Propôs-se também um plano para a realização do máximo possível de plantio de grama nas necrópoles existentes que possuíssem áreas extensas necessitando de cuidados. O objetivo seria que estas se tornassem “mais verdes, e portanto, mais agradáveis e humanas”, em contraposição aos cemitérios tradicionais, marcados pela “maneira tradicional de se ver a morte e muito bem identificados através dos mausoléus exageradamente suntuosos” (SFMSP, 1977 p. 39). Além deste discurso, também pode-se inferir que, ao utilizar o modelo de cemitério sem edificações tumulares, o custo de execução e manutenção destes espaços seria reduzido em relação aos tradicionais. Diferente dos cemitérios-jardim privados, estes exemplares públicos por vezes carecem de cuidados, sendo facilmente encontrados túmulos cobertos pelo solo nu, por exemplo.

Em finais da década de 1960 e na de 1970 vê-se a inauguração de diversas necrópoles particulares no modelo jardim, principalmente em São Paulo. Logo após o Cemitério da Paz, em 1968 é inaugurado no mesmo bairro o cemitério do Morumbi, que se autointitula primeiro cemitério-parque do Brasil. Gerido pela comunidade religiosa João XXIII, uma organização católica, investiu fortemente na divulgação do empreendimento nos jornais da época, como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. Em seguida, é inaugurado o Gethsêmani, ainda na mesma região.

Os novos empreendimentos cemiteriais paulistanos irão influenciar cidades por todo o estado e também pelo país. Assim, neste período são anunciadas as aberturas de cemitérios-jardim e cemitérios-parque em capitais como Rio de Janeiro, Natal, Curitiba e Goiânia.

Na atualidade, os cemitérios do tipo jardim já estão difundidos por toda a extensão do território brasileiro, o que pode ser observado via pesquisa no site do Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (SINCEP). Em São Paulo, maior e mais populosa cidade do país, dentre as 41 necrópoles existentes, pelo menos 40% possuem configuração espacial próxima do que se pode considerar um cemitério jardim (SANTOS, 2015), revelando-se um campo significativo para estudo. Além disto, segundo o Plano Diretor Estratégico (PDE) do Município de São Paulo, “os cemitérios municipais integram o Sistema de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres” da cidade. (SÃO PAULO, 2014, art. 282).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs a traçar um breve panorama sobre a origem de cemitérios jardins ocidentais cujos modelos viriam influenciar a conformação do Cemitério da Paz, autointitulado primeiro cemitério-jardim do Brasil.

Apesar de o Cemitério da Paz possuir área expressivamente menor que os exemplos estrangeiros apresentados, isto não o impede de apresentar traços que possam relacioná-lo com os *lawn cemeteries* e os subsequentes *memorial parks* estadunidenses.

A escolha de soluções como a ausência de construções acima do solo e de ornamentos expressivos nos túmulos, os extensos gramados, a simplicidade das placas de identificação, o gosto pela ampla arborização do espaço cemiterial, são pontos de convergência, a despeito da diferença temporal e contextual da implantação destes cemitérios.

Observa-se também uma relação estreita com os ideários protestantes e os cemitérios jardins, o que vai ao encontro da ACEMPRO, associação de cunho protestante, proprietária do Cemitério da Paz. Apesar disto, não há a proposta de um sectarismo religioso: qualquer um que desejar pode comprar o seu pedaço do paraíso para o descanso eterno. Entretanto, ao ser colocado à venda, é um espaço que não pode ser voltado a todos, sendo acessível apenas àqueles que possuem poder aquisitivo para tal, assim como o *memorial park* aqui apresentado.

Por fim, espera-se que o que foi até aqui apresentado possa demonstrar primeiros indícios de conexão e situar o Cemitério da Paz dentro do movimento dos cemitérios-jardim no Ocidente, que tem início no século XIX. Tal lógica cemiterial ajardinada será empregada em empreendimentos posteriores, em diferentes partes do Brasil, de modo que seus princípios podem ser observados em projetos cemiteriais até na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCOS, árvores e tranquilidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 nov. 1972. p.8.

BIGELOW, J. **A History of the cemetery of Mount Auburn**. Boston e Cambridge: J. Munroe and company, 1860.

BENDER, T. The 'Rural' Cemetery Movement: Urban Travail and the Appeal of Nature. **The New England Quarterly**, vol. 47, n. 2, 1974, p. 196–211. Disponível em: <www.jstor.org/stable/364085>. Acesso em: 30 dez. 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA. Resolução nº 335, de 03 de abril de 2003. Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 101, p 98-99, 28 mai. 2003.

CASTRO, E. T. Para cada morto, a sua cova: algumas restrições para o sepultamento de protestantes no Brasil, Século XIX. **Revista Inter-Legere**, [S.l.], v. 1, n. 12, p. 157 – 172, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4199>>. Acesso em: 09 abr. 2013.

CATROGA, F. **O Céu da Memória - Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos (1756-1911)**. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.

CREMAÇÃO de cadáveres. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 dez. 1965. p. 23.

CURL, J. S. **A Celebration of Death: An introduction to some of the buildings, monuments, and settings of funerary architecture in the Western European tradition**. London: B. T. Batsford LTD, 1993.

_____. John Claudius Loudon and the Garden Cemetery Movement. **Garden History**, vol. 11, no. 2, p. 133–56, 1983. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/1586841>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

CYMBALISTA, R. **Cidade dos Vivos**: Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

DAL CO, F. De los parques a la region - ideologia progressista y la reforma de la ciudad americana. In: CIUCCI, G., DAL CO, F., MANIERI-ELIA, M., TAFURI, M. **La ciudad americana**: de la guerra civil al New Deal. Barcelona: Gustavo Gili, 1975, pp.

DOWNING, A. J. Public cemeteries and public gardens. In: CURTIS, G. W. (ed.). **Rural essays**. New York: George P. Putman and Company, 1853. p. 154-159.

DU CAMP, M. LES CIMETIÈRES DE PARIS. **Revue Des Deux Mondes** (1829-1971), 2(4), p. 812–851, 1874.

FUCHS, F. Sobre a tipologia de espaços fúnebres cemiteriais. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], v. 32, n. 48, p. e183969, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/183969>>. Acesso em: 01 dez 2021.

FUCHS, F. **Espaços de cemitério e a cidade de São Paulo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-07112019-092231/publico/MEFELIPEFUCHS.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

LAURIE, M. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

LIGOU, D. L'Évolution des cimetières. **Archives des sciences sociales des religions**, n. 39, 1975. p. 61-77.

LOUDON, J. C. **The Gardener's Magazine, and register of rural and domestic improvement**. Vol. IX new series. London: Longman, Rees, Orome, Brown and Green, 1843.

MAGALHÃES, F. Conversa sobre o Cemitério da Paz, ACEMPRO e Cemitério e Crematório Horto da Paz. Entrevista concedida a Aline Silva Santos no cemitério da Paz e no Cemitério e Crematório Horto da Paz. São Paulo, 25 de março de 2019.

MITFORD, J. **The american way of death**. New York: Simon and Schuster, 1963.

MOTTA, A. **À flor da pedra**: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, 2009.

OUR Story – Learn the Legacy. Memorial Park Funeral Home & Cemetery. s.d. Disponível em: <<https://www.memorialparkfuneralandcemetery.com/about-us/>> Acesso em: 26 fev. 2020.

PAGOTO, A. A. **Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público**: transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

RAGON, M. **L'espace de la mort**. Paris: Albin Michel, 1981.

REIS, J. J. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, C. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos**: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

SANTOS, A. Espaços cemiteriais e suas contribuições para a paisagem e meio ambiente urbanos. **Revista LABVERDE**, n. 6, p. 85-105, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/61879>>. Acesso em: 1 jan. 2020.

SANTOS, A. **S. Morte e Paisagem**: os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-08092015-143806/publico/alinesilva1.pdf>> Acesso em: 16 out. 2022.

SÃO PAULO. Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014. Aprova a Política de Desenvolvimento Urbano e o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo e revoga a Lei nº 13.430/2002. **Diário Oficial da Cidade**: São Paulo, p. 1, 01 ago. 2014.

SCHUYLER, D. **The New Urban Landscape**. USA: The Johns Hopkins University Press, 1986.

SERVIÇO FUNERÁRIO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (SF MSP). **100 Anos de Serviço Funerário**. São Paulo, 1977.

SLOANE, D. C. Selling Eternity in 1920s Los Angeles. In: SITTON, Tom; DEVERELL, William (edit). **Metropolis in the Making - Los Angeles in the 1920s**. Los Angeles: University of California Press, 2001.

SLOANE, D. C. **The last great necessity**: cemeteries in American history. Baltimore: Md. Johns Hopkins University Press, 1991.

TREIB, M. The Landscape of the loved ones. In: WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim (ed.). **Places of Commemoration: Search for Identity and Landscape Design**. Washington: Dumbarton Oaks, 2001. pp.81-105.

URBAIN, J.D. **La Société de Conservation**. Paris: Payot, 1978.

WORPOLE, K. **Last landscapes**: The architecture of the cemetery in the West. London: Reaction Books, 2003.